

ANGÉLICA BARROS SILVA
WEIMAR SILVA CASTILHO

PRODUTO EDUCACIONAL

O USO DOS TRÊS MOMENTOS PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: ABORDAGEM DA TEMÁTICA INDÍGENA E A RELAÇÃO COM A NATUREZA



INSTITUTO FEDERAL
Tocantins
Campus Palmas

PALMAS, 2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S586u Silva, Angélica Barros
O uso dos Três Momentos Pedagógicos nas aulas de Sociologia:
abordagem da temática indígena e a relação com a natureza /
Angélica Barros Silva. – Palmas, TO, 2025.
55 f. : il. color. Formato: E-book

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação
Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus
Palmas, Palmas, TO, 2025.

Orientador: Dr. Weimar Silva Castilho Produto Educacional
vinculado à Dissertação: 1. Três Momentos Pedagógicos.
2. Sequência Didática. 3. Sociologia. I. Castilho, Weimar
Silva. II. Título.

ISBN: 978-65-01-37682-0

CDD 370

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).

AUTORES



Angélica Barros Silva - Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa, Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Tocantins e Técnica da Diretoria de Educação dos Povos e Comunidades Tradicionais da Secretaria de Educação do Tocantins.



Weimar Silva Castilho (orientador) - Licenciado em Física, Doutor em Sistemas Mecatrônicos, professor do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, onde atua no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e Professor do curso de Licenciatura em Física.



SUMÁRIO



Apresentação	4
Introdução	6
Três Momentos Pedagógicos.....	9
SD dos 3MPs.....	11
Apresentação da proposta.....	12
Problematização Inicial.....	14
Organização do Conhecimento.....	21
Aplicação do Conhecimento.....	39
Considerações Finais.....	49
Referências.....	52



APRESENTAÇÃO



Prezados leitores, este material é fruto de uma pesquisa aplicada do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado em rede nacional pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertada pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

Trata-se de uma Sequência Didática (SD) utilizando os Três Momentos Pedagógicos (3MPs) para abordagem da temática indígena sob a perspectiva da educação decolonial e intercultural, no contexto do Ensino Médio Integrado (EMI).

O material tem como objetivo contribuir para a inclusão de metodologias que despertem o interesse dos estudantes e os incentivem a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, com ênfase na formação crítica e integral (Ramos, 2010).



APRESENTAÇÃO



A temática indígena, escolhida enquanto “tema gerador” (Freire, 1987) da SD, tem como propósito a aplicabilidade da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura indígena nas escolas.

A SD dos 3MPs, foi desenvolvida para auxiliar professores, especialmente aqueles da componente curricular de Sociologia. O material oferece ferramentas para promover um debate crítico sobre a questão indígena e sua relação com a natureza, incentivando uma educação que valoriza a diversidade cultural e integra teoria e prática.

Embora inclua elementos específicos do Tocantins, local de estudo e pesquisa dos autores, ela pode ser adaptada e utilizada para diferentes regiões.



INTRODUÇÃO



Este Produto Educacional foi elaborado a partir da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada: “O uso dos Três Momentos Pedagógicos nas aulas de Sociologia: abordagem da temática indígena e a relação com a natureza”. A aplicação ocorreu em 2024, com uma turma de aproximadamente 35 estudantes do 2º ano do Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio, no IFTO - Campus Palmas.

O EMI é uma modalidade de educação profissional técnica de nível médio na forma integrada, oferecida pelos IFs, criados pela Lei n.º 11.892/2008 (BRASIL, 2008). Essa modalidade busca preparar os estudantes, especialmente da classe trabalhadora, com conhecimentos profissionais e propedêuticos, promovendo uma formação de cidadãos críticos capazes de compreender e transformar a realidade social (Ramos, 2010; Saviani, 1989).

A metodologia dos 3MPs, baseada nos princípios pedagógicos de Freire e desenvolvida por Delizoicov, Angotti (1991; 2002) e Pernambuco (2002). , é composta por três etapas:

INTRODUÇÃO



Problematização Inicial (PI), Organização do Conhecimento (OC) e Aplicação do Conhecimento (AC). Essa abordagem integra o conhecimento científico à realidade dos educandos de forma contextualizada e reflexiva, promovendo a construção do conhecimento crítico e incentivando a participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

A escolha da temática indígena como “tema gerador” (Freire, 1987) busca fortalecer a aplicação da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e culturas indígenas no Brasil.

Estudos apontam que o ambiente escolar ainda perpetua estereótipos coloniais sobre os povos indígenas, apresentando-os de forma romantizada ou como figuras do passado, reforçando desigualdades e preconceitos (Zamboti, Bergamaschi, 2009; Araújo, 2014; Silva, 2019). Essa situação requer investimentos na formação de professores, atualização de conteúdos, desenvolvimento de materiais pedagógicos apropriados e incentivo a diálogos que valorizem as culturas indígenas.

INTRODUÇÃO



Através da perspectiva intercultural e decolonial, busca-se promover o diálogo entre diferentes saberes, valorizar a diversidade cultural, combater preconceitos e desconstruir hierarquias coloniais, contribuindo para uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora (Fonseca, 2016; Oliveira e Candau, 2010).

A Sociologia desempenha uma papel fundamental para abordar a temática indígena sob uma perspectiva decolonial e intercultural, oferecendo uma análise crítica que transcende o senso comum ao investigar os fenômenos sociais nas relações e estruturas da sociedade (Ianni, 1989).

A SD dos 3MPs, apresentada neste e-book, é uma ferramenta prática e acessível para professores abordarem a temática indígena com uma metodologia crítica e dialógica. Ela integra conceitos teóricos e científicos de forma contextualizada, promove o respeito à diversidade cultural e às diferentes formas de conhecimento, e contribui para a formação humana integral.

TRÊS MOMENTOS PEDAGÓGICOS



Os 3MPs é uma proposta metodológica desenvolvida por Demétrio Delizoicov, José André Angotti e Marta Pernambuco, para o trabalho em sala de aula, materializada nos livros “Ensino de ciências: fundamentos e métodos” (2002) e “Física” (1991). Possui como fundamento teórico os princípios pedagógicos de Freire (1987), que visa superar a educação tradicional e a fragmentação do ensino, promovendo o protagonismo dos estudantes e incentivando-os a se tornarem cidadãos ativos na busca pela transformação social (Muenchen, 2010).

A educação proposta por Freire, também chamada de educação libertadora, consiste em uma educação problematizadora e genuinamente reflexiva, que envolver um “constante ato de desvelamento da realidade” (Freire, 1987, p.40). Seu objetivo é fomentar a autonomia, a reflexão e a ação transformadora, promovendo uma compreensão crítica da realidade e tornando os estudantes agentes de mudança.



TRÊS MOMENTOS PEDAGÓGICOS



A metodologia dos 3MPs envolve três etapas: Problematização Inicial (PI), Organização do Conhecimento (OC) e Aplicação do Conhecimento (AC).

PI

Consiste na apresentação de questões e/ou situações da realidade do estudante, de forma que esses sejam desafiados ao compartilhamento de seus pensamentos e conhecimentos prévios. Delizoicov e Angotti (1991) recomendam que nesta primeira etapa, a postura do educador “se volte mais para questionar e lançar dúvidas sobre o assunto do que para responder e fornecer explicações” (p.29).

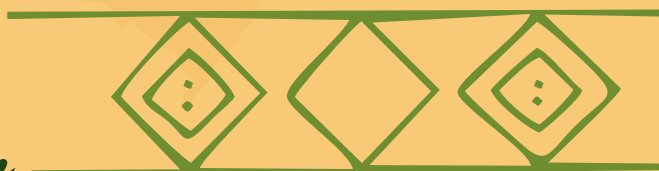
OC

Fundamenta-se no estudo dos conceitos teóricos-científicos necessários para compreensão do tema e da problematização inicial sob a orientação do professor. Recomenda-se a realização de várias atividades, como: exposição, elaboração de questões, leitura de textos para discussões, trabalho extraclasse, revisão e destaque dos aspectos fundamentais, bem como a execução de atividades práticas experimentais (Delizoicov; Angotti; Pernanbuco, 2002)

AC

Consiste na sistematização do conhecimento que vem sendo incorporado pelo estudante, com o objetivo de estabelecer conexões entre esses conhecimentos com as situações abordadas na problematização inicial e, também, com outras que não estejam diretamente relacionadas ao primeiro momento. Essa etapa final consiste na aplicação prática desses conhecimentos, o que implica na assimilação e utilização da ciência na vida cotidiana (Delizoicov, Angotti, Pernanbuco, 2002).

SD DOS 3MPS





APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

No primeiro encontro, a aula teve início antes do previsto, para apresentação da proposta de pesquisa aos estudantes. Além de explicar os objetivos da pesquisa, foi realizada a distribuição e leitura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo que todos os participantes estivessem plenamente informados e de acordo com sua participação. Esse momento também proporcionou a oportunidade para esclarecimento de dúvidas.

A pesquisa utilizou a Observação Participante (Gil, 2014) e Rodas de Conversa (Moura, Lima, 2014) como procedimentos metodológicos. Nesse sentido, a participação do pesquisador no campo de pesquisa foi acompanhada de momentos de participação coletiva em debates.

Como as discussões seriam registradas em áudio, para posterior transcrição e análise, esse momento também foi essencial para que os estudantes compreendessem o processo de pesquisa e pudessem contribuir de maneira ativa para o desenvolvimento do estudo.



Para “quebrar o gelo”, foi adotada uma estratégia de apresentação com a turma. A professora/pesquisadora orientou que todos se apresentassem dizendo seu nome, e, em seguida, mencionasse o título de um filme, série ou livro que começasse com a mesma inicial do nome. Essa dinâmica contribuiu para criar um ambiente descontraído e acolhedor.

A troca afetiva entre professor e estudante gera cumplicidade no processo de ensino-aprendizagem, criando um ambiente escolar mais confortável e agradável para todos os envolvidos (Freire, 1996). Essa relação horizontal não só facilita a aprendizagem acadêmica do aluno, mas também contribui para sua formação integral. Após a dinâmica de apresentação, a SD dos 3MPs foi iniciada.



PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL

AULAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
1	Apresentação do trabalho; Apresentação de recursos audiovisuais.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o trabalho a ser desenvolvido; • Fomentar a discussão em torno da interação do ser humano com a natureza; • Investigar os conhecimentos e percepções dos estudantes sobre os povos indígenas; • Promover a reflexão sobre a concepção dos indígenas em relação à natureza; • Identificar os conceitos prévios do estudante em torno da temática trabalhada.

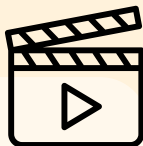


SD DOS IMPS



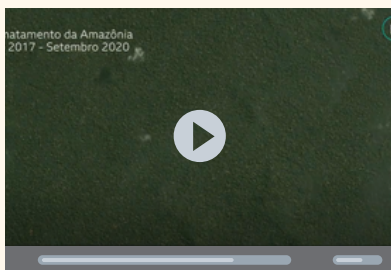
No primeiro momento, foram exibidos dois vídeos que, por meio de imagens de satélite, mostravam uma linha do tempo das transformações espaciais ao longo dos anos.

VÍDEO 1



Our Forests | Timelapse in Google Earth
<https://youtu.be/b4eLTYUcj7k&t=135s>

VÍDEO 2



**Imagens de satélite mostram
desmatamento 'sistemático' na
Amazônia**
https://youtu.be/fCiD57p3p_A



Após a exibição de cada vídeo, os estudantes foram convidados a compartilhar suas observações, com o objetivo de estimular a participação e incentivar a interação, criando assim, um ambiente colaborativo em sala e aula (Delizoicov, Angotti 1991).

Em seguida, a professora/pesquisadora perguntou se eles tinham conhecimento de alguma tragédia ambiental ocorrida no Brasil resultante de atividades humanas. Foram mencionadas os seguintes eventos: o desastre de Brumadinho (MG) e Mariana (MG), o aumento do volume dos rios Taquari, Caí, Pardo, Jacuí, Sinos e Gravataí, no estado do Rio Grande do Sul, o acidente radiológico do Césio 137 em Goiânia e a exploração de sal-gema em Maceió, que causou desmoronamentos.

A professora/pesquisadora deu destaque as tragédias ambientais de Mariana/MG (2015) e Brumadinho/MG (2019), explicando a função das barragens de rejeitos e o impacto dos rompimentos dessas estruturas, que causaram desastres ambientais de grandes proporções.



Para ilustrar esse eventos, foram apresentas as Imagem 1, 2 e 3, seguida de questionamentos sobre o que era observado nelas.

Imagem 1: Rompimento barragem de rejeitos em Mariana (MG).



Fonte: G1 (2022).

Imagem 2: Danos causados com rompimento da barragem em Mariana (MG) – Distrito de Bento Rodrigues.



Fonte: G1 (2015).



Imagem 3: Danos causados com rompimento da barragem em Mariana (MG) – Rio Doce.



Fonte: Estado de Minas (2015).

Com o objetivo de facilitar a compreensão da gravidade da tragédia e suas implicações para a população afetada, além de conectar o tema ao cotidiano dos estudantes, a professora/pesquisadora utilizou um aplicativo de edição de imagens para simular como o Lago de Palmas/TO ficaria diante de um desastre semelhante ao de Mariana/MG, incentivando a participação dos alunos durante a apresentação das imagens.

Imagem 4: Simulação do Lago de Palmas (TO) caso ocorresse o rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração.



Fonte: Imagem editada pela autora (2024)



Em seguida, foi retomado o incidente ocorrido em Mariana/MG apresentando uma imagem de satélite (Imagem 5) que destaca a localização da Terra Indígena do povo Krenak, próxima à margem do Rio Doce, no município de Resplendor (MG), também afetada pelo rompimento da barragem. A partir dessa imagem, os estudantes foram questionados sobre:

- suas percepções em relação aos povos indígenas;
- se conheciam alguma pessoa autodeclarada indígena;
- qual possível reação dos indígenas Krenak ao se deparar com o rio contaminado.

Imagem 5: Imagem de satélite da Terra Indígena Krenak em Resplendor (MG).

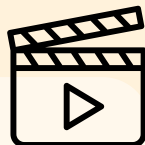


Fonte: Google Maps (2024).



Após os questionamentos e a escuta das respostas dos estudantes, foi exibido o primeiro episódio do documentário “Krenak: Vivos na Natureza Morta”, produzido pelo Canal Futura, que aborda a perspectiva dos indígenas da etnia Krenak sobre a contaminação do Rio Doce pelos rejeitos de minério.

VÍDEO 3



**Krenak - Vivos na Natureza Morta |
A LAMA MATOU NOSSO RIO ep 01**
<https://youtu.be/4ng52AN3bmI>

Depois da exibição, a pesquisadora/professora questionou os estudantes sobre a percepção dos entrevistados em relação à tragédia e sobre as diferenças que puderam observar entre a visão dos Krenaks e a nossa forma de ver e perceber o rio. Todas as respostas foram registradas no quadro, concluindo assim o primeiro momento pedagógico.



ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

AULAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
2	<p>Aula expositiva; Apresentação de recursos audiovisuais; Trabalho de pesquisa em grupo; Apresentação do trabalho de pesquisa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar os conceitos teórico-científicos relacionados ao tema; • Contextualizar os conceitos abordados com base em trechos do discurso de uma indígena apresentado em um vídeo; • Problematicar o conhecimento hegemônico ocidental em relação aos saberes tradicionais; • Apresentar a diversidade dos povos indígenas do Tocantins; • Integrar os conhecimentos dos povos indígenas através de um trabalho centrado em pesquisas relacionadas à etnociência.





Na primeira aula da OC, a professora/ pesquisadora, por meio de uma apresentação de slides, introduziu o conteúdo necessário para aprofundar as discussões da aula anterior de forma substanciada.

Foram apresentados conceitos teóricos e científicos como: cultura, etnocentrismo, diversidade cultural, relativismo cultural, colonialidade, decolonialidade e etnociência. Além disso, foram exibidos dados populacionais recentes sobre a população autodeclarada indígena do Tocantins, conforme o Censo Demográfico de 2022, e um mapa cartográfico das Terras Indígenas do estado.

As etnias predominantes no estado foram apresentadas por meio das estações de ônibus de Palmas/TO, que homenageiam seis etnias indígenas, estabelecendo uma conexão entre a cidade e sua história. Essa estratégia visou contextualizar o conteúdo e tornar a aprendizagem mais atrativa, alinhando-se à perspectiva freiriana (1987).



Slides apresentados:

« O QUE É CULTURA? »

- Maneira como um grupo de pessoas vive. Inclui costumes, tradições, crenças, formas de se comportar e conferir sentido ao mundo ao redor. Podemos imaginar a cultura como um mapa ou um guia que ajuda as pessoas a entenderem o mundo ao seu redor e a si mesmas (DaMatta, 1986).
- A cultura, portanto, é essencial para organização simbólica das sociedades humanas. É importante ressaltar que essas estruturas não são fixas; a cultura é dinâmica e pode mudar e se desenvolver ao longo do tempo (Crespi, 1997).



1

« ETNOCENTRISMO »

- Atitude de quem tende a julgar as culturas de outras épocas ou de outros povos com base nos valores e critérios da própria cultura (Crespi, 1997).
- O etnocentrismo refletiu a visão na qual os europeus, ao se depararem com outras culturas, julgaram a sua própria cultura como superior e mais relevante (*ibid.*).



2



Slides apresentados:

RELATIVISMO CULTURAL



- Reconhecimento de que cada cultura tem a sua própria validade e coerência, não podendo ser julgada com base nos critérios da cultura que nos é mais familiar.
- Com base no princípio do relativismo cultural, compreende-se que todas as culturas são igualmente válidas e devem ser compreendidas dentro de seus próprios contextos (Crespi, 1997; Wagner, 2017).

DIVERSIDADE CULTURAL: variedade de culturas (saberes, modos de vida, idiomas, tradições, religiões, entre outros) presentes na sociedade, contribuindo para torna-la mais rica e diversa (Resende, Moreira, 2017).



3

POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS



- População autodeclaradas indígenas: **20.023 (1,32%)**.
- **75,9%** vive em terras indígenas, enquanto **24%** reside fora delas.
- Dos 139 municípios, há pelo menos um indígena em 125 deles, ou seja, somente em 14 municípios não há indígenas no Tocantins.



Fonte: IBGE, Censo 2022

Imagens: @sepot.tocantins



4



Slides apresentados:

ETNIAS DO TOCANTINS

Estação Apinajé

Estação Xambioá

Estação Kraho

Estação Xerente

Estação Karajá

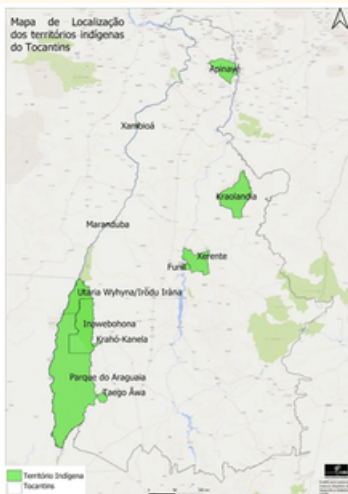
Estação Javaé

Estações de ônibus em Palmas



5

Mapa de Localização dos territórios indígenas do Tocantins



Fonte: Agroetgo.org.br

6



Slides apresentados:

◀◀ COLONIALISMO E COLONIALIDADE ▶▶



- **COLONIALISMO:** sistema político, econômico e social onde uma nação exerce domínio e controle sobre um território estrangeiro.
- **COLONIALIDADE:** defende que a dominação colonial não terminou com a independência política das colônias, mas que as práticas e estruturas coloniais continuam a existir e influenciar a sociedade (Fonseca, 2016; Resende, Moreira, 2017).



7

◀◀ COLONIALIDADE X DECOLONIALIDADE ▶▶



O conhecimento ocidental se apresenta como universal, e para validar a sua própria legitimidade, fundamentou-se na existência de “verdades absolutas” e “não verdades”. Nesse contexto, a ciência ocidental se configurou como um “processo civilizatório” que necessitava negar o “outro” como referência comparativa para estabelecer um novo estágio de desenvolvimento.

Isso reflete na classificação **hierárquica dos saberes** e à prevalência da “**monocultura do saber**”, que estabelece a supremacia incontestável da ciência ocidental como a única perspectiva legítima, resultando em um pensamento profundamente parcial (Resende, Moreira, 2017; Wermeling, 2022)



8





Slides apresentados:

COLONIALIDADE X DECOLONIALIDADE

- O pensamento **decolonial** surge com o propósito de romper com essa estrutura que separa e hierarquiza o conhecimento científico em relação aos saberes tradicionais (Oliveira, Candau, 2010).
- A decolonialidade não busca negar o sistema colonial, uma vez que não é possível simplesmente eliminar os impactos do colonialismo. Em vez disso, propõe uma abordagem que reconheça a herança colonial e incentive uma **reflexão e ação** a partir dela (Walsh, 2009).

9

INTERCULTURALIDADE



- Pensamento intercultural: abordagem que promove a interação, comunicação e aprendizados contínuos entre diferentes culturas. Ele se baseia no respeito mútuo, na busca pela igualdade e na valorização das diferenças culturais. É uma troca que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença (Oliveira, Candau, 2010).

10



Slides apresentados:

« ETNOCIÊNCIA



- É uma área recente que instiga os pesquisadores num esforço conjunto para resgatar os conhecimentos tradicionais, frequentemente marginalizados e colonizados frente ao conhecimento científico. Posiciona-se enquanto um caminho alternativo à rigidez científica, sem menospreza nenhuma das metodologias construídas pela ciência ocidental. Em sua significação literal é a ciência do outro. (Strachulski, 2017; Wieczorkowki, Pesovento, Téchio, 2018)



11

« TRABALHO EM GRUPO



TEMAS:

- 1) ETNOECOLOGIA
- 2) ETNOBOTÂNICA
- 3) ETNOZOOLOGIA
- 4) ETNOMATEMÁTICA
- 5) ETNOTURISMO
- 6) ETNODESENVOLVIMENTO
- 7) ETNOFARMACOLOGIA



12



Slides apresentados:

REFERÊNCIAS



- DAMATTA, Roberto. Relativizando, uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FONSECA, Livia Gímenes Dias da. Despatriarcalizar e decolonizar o estado brasileiro – um olhar pelas políticas públicas para mulheres indígenas. Tese (Doutorado). Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. Brasília/DF, 2016.
- IBGE. Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal> Acesso em: 10 de jun. 2023.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.
- RESENDE, Ana Catarina Zema de; MOREIRA, Erika Macedo. Ferramentas epistemológicas para a descolonização do ensino da história indígena. Revista Relicário, Uberlândia, v. 4 n. 7, jan./jun. 2017.
- STRACHULSKI, Juliano. Etnociências e teoria da complexidade: aproximando referenciais para compreender os conhecimentos tradicionais. Revista CCCSS. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccs/2017/04/etnociencias-teoria-complexidade.html> Acesso em: 22 set. 2024.
- WALSH, C. Interculturalidade crítica e educação intercultural 2009. (Conferência apresentada no Seminário "Interculturalidad y Educación Intercultural", Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz). Disponível em: Acesso em: 18 jul. 2024.
- WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Tradução: Marcela Coelho de Sousa. Ubu Editora; 1ª edição, 2017.
- CRESPI, Franco. "Conceitos gerais" (capítulo I) in Manual de Sociologia da Cultura, Lisboa: Editorial Estampa, p. 13-32, 1997.
- WERMELINGER, Vitoria Marinho. A decolonialidade nos livros didáticos de sociologia: entre a legislação e os materiais didáticos. Revista Discente Planície Científica, v. 4, n. 1, jan./jul. 2022.
- WIECZORKOWSKI, Juscinete Rosa Soares; PESOVENTO, Adriane; TÉCHIO, Kachia Hedeny. Etnociência: um breve levantamento da produção acadêmica de discentes indígenas do curso de educação intercultural. Revista Ciência & Ideia, volume 9, n° 3, setembro/dezembro, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332662989_ETNOCIENCIA_UM_BREVE_LEVANTAMENTO_DA_PRODUCAO_ACADEMICA_DE_DISCENTES_INDIGENAS_DO_CURSO_DE_EDUCACAO_INTERCULTURAL Acesso em: 25 jun. 2024.



12

Após a explanação dos conceitos teóricos científicos e sobre os povos indígenas do Tocantins, foi proposta uma atividade de pesquisa focada na etnociência.

Os estudantes se dividiram em grupos e cada grupo ficou responsável por explorar e apresentar, na aula seguinte, uma das seguintes temáticas por meio de slides: etnoecologia, etnobotânica, etnozootologia, etnomatemática, etnoturismo, etnodesenvolvimento e etnofarmacologia. Além de definir o conceito, os estudantes deveriam apresentar exemplos desses campos de estudo sob a perspectiva indígena.





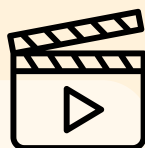
Segundo Freire (1996) “não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino” (p. 32). Demo (2011) reforça essa ideia ao destacar que a pesquisa, enquanto prática científica, permite ao estudante se tornar autor do próprio conhecimento e desenvolver autonomia intelectual. Para ele, a pesquisa, tanto aplicada quanto básica, inicia-se com o questionamento e, assim, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica da realidade.

Por meio da pesquisa proposta, buscou-se ampliar a compreensão dos estudantes sobre os saberes tradicionais indígenas e promover o diálogo entre estes e os conhecimentos científicos hegemônico. Contribuindo assim, para uma visão mais plural sobre as formas de conhecimento e perspectivas de aprendizagens. Ao explorar saberes indígenas, os estudantes foram incentivados a refletir sobre a interconexão entre diferentes sistemas epistemológicos, promovendo uma educação intercultural e a construção de um conhecimento mais amplo e plural (Fonseca, 2016; Resende, Moreira, 2017).



A segunda aula da OC, ocorreu após uma semana, garantindo tempo suficiente para a pesquisa e a organização das apresentações em grupo. A aula teve início com a exibição de um vídeo que apresentou um trecho de uma entrevista com a indígena tocaninense Narubia Werreria.

VÍDEO 4



O Tempo Virou especial TedxAmazônia - com Narubia Werreria

<https://youtu.be/G9NzpLmKplg?t=1498s>

Imagem 6: Estudantes assistindo o vídeo da entrevista com Narubia Werreria.



Fonte: Elaboração dos autores (2024).



Após a exibição do vídeo, algumas falas foram destacadas, com auxílio de slides, pela professora/pesquisadora para retomar alguns dos conceitos da aula anterior.

- “o brasileiro continua a colonizar os povos indígenas, e é uma colonização tão fina que mesmo, muitos tendo sangue indígenas, sangue negro, negam essas raízes, **desconhece esses povos, desconhece a própria identidade.** O ataque a identidade de um povo, é o primeiro ataque colonial que acontece nas mentes, é por isso que a gente fala que nós temos que reflorestar as mentes, **porque os ataques não são só físicos, existem as disputas das narrativas,** dos seguimentos religiosos e tudo isso para aprisionar esses corpos e territórios (...) se nós conhecermos a mangaba nós não vamos querer destruir as nossas mangabas para colocar soja (...)”

A partir do primeiro trecho foi retomado o conceito de **colonialidade e decolonialidade**. Ao mencionar que “o brasileiro continua a colonizar os povos indígenas”, fica evidente a continuidade das estruturas de poder e dominação estabelecida pelo colonialismo. Isso se alinha à perspectiva de colonialidade e decolonialidade. Ao mencionar que “o brasileiro continua a colonizar os povos indígenas”, fica evidente a continuidade das



estruturas de poder e dominação estabelecida pelo colonialismo. Isso se alinha à perspectiva de colonialidade, que defende que a dominação colonial não terminou com a independência política das coloniais, mas que as práticas e estruturas coloniais continuam a existir e influenciar a sociedade (Fonseca, 2016; Resende, Moreira, 2017).

Ao falar sobre “disputas de narrativas” e a necessidade de “reflorestar as mentes”, Narubia destaca a importância de valorizar as experiências e perspectivas dos povos indígenas, restaurando identidades culturais que foram suprimidas pela colonização. Essa reflexão alinha-se com a perspectiva **decolonial**, que busca desconstruir estruturas coloniais e narrativas eurocêntricas, promovendo a valorização de outras vozes para contribuir para a produção de conhecimento (Quijano, 2005; Fonseca 2016).



- “nós estamos falando do país mais diverso, com a maior biodiversidade do planeta, com a maior reserva de água doce do planeta e não é por acaso, existiu uma população que cultivou esses jardins e essas florestas e **hoje a ciência comprova que realmente foi a tecnologia indígena que possibilitou que essas florestas fossem tão abundantes, que os manciais de águas fossem tão volumosos**”

A partir desse trecho, retomou-se o conceito de **etnociência**, campo de estudo que se dedica a estudar os conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais, valorizando a diversidade e práticas existentes nas diferentes culturas. Quando Narubia afirma que “a ciência comprova que realmente foi a tecnologia indígena que possibilitou que essas florestas fossem tão abundantes”, isso exemplifica o reconhecimento, pela ciência ocidental, do valor dos saberes indígenas. Esse reconhecimento fortalece uma abordagem mais inclusiva e dialógica entre a ciência ocidental e os conhecimentos tradicionais, evidenciando a relevância dos estudos da etnociência (Roué, 1997; Strachulski, 2017; D’olne Campos, 2002).



- “se nós não olharmos essa ancestralidade, e voltarmos os caminhos, e continuarmos achando que nós, povos originários, **somos incivilizados, que nós não temos nada para oferecer, que as florestas em pé são um atraso ao desenvolvimento, que não existe riqueza nas nossas florestas**, quando na verdade são essas florestas que tem plantas medicinais que a gente desconhece, frutos riquíssimos (...)

A partir desse trecho, foi retomado o conceito de **etnocentrismo** que é atitude de julgar povos com culturas diferentes como inferior, tendo como base a cultura europeia como superior e mais relevante (Crespi, 1997). Essa perspectiva de considerar os povos indígenas como primitivos e inferiores foi historicamente construído e reforçada por meio de processos de colonização e dominação perpetuando estereótipos e preconceitos que até hoje influenciam as relações com os grupos indígenas. A partir disso, também foi retomado o conceito de **relativismo cultural**, que defende que as culturas devem ser compreendidas a partir de seus próprios valores e contextos, não apenas pelos padrões da cultura dominante, portanto é necessário pensar a diversidade cultural enquanto um valor.



- “o crime que está acontecendo com a terra, é um crime de universo, não é um crime de humanidade. Se o universo está olhando pra nós, é como se nós fossemos um grande câncer que está comendo todos os povos, os animais e as belezas que existem.. é como se, a onça pintada não tivesse o direito à vida, só vai ter o direito a vida os bois que é pra gente comer(...) **tudo tem que ter uma produtividade e um lucro, se não, não é um desenvolvimento**”
- “nós decidimos os animais que vão sobreviver e os que não vão sobreviver, e aqueles que vão sobreviver serão enjaulados. **É essa a lógica civilizatória? É a lógica que destrói os rios? A cidade mais rica da América Latina, São Paulo, tem um rio fétido, um rio morto. Isso é civilização? E nós (povos indígenas) somos os selvagens?**”

A leitura dos trechos 4 e 5 proporcionou uma reflexão sobre o modelo econômico predominante na sociedade e a “lógica civilizatória” que o sustenta. A menção à onça pintada e aos bois, onde apenas os bois têm “direito à vida” porque são usados para consumo, ilustra um sistema que valoriza o lucro e a produtividade, considerando a vida e a natureza somente sob a perspectiva econômica e utilitária (Freitas, Meirelles, 2018; Castro, 2004). O exemplo do rio poluído em São Paulo, a cidade mais rica da América Latina, destaca o paradoxo entre desenvolvimento e riqueza e os graves problemas de poluição e degradação ambiental enfrentados pela cidade.



Esses trechos fazem uma crítica à perspectiva de civilização e progresso, centrado no antropocentrismo e no utilitarismo, que resulta na destruição dos ecossistemas e na perda da biodiversidade. A fala “E nós (povos indígenas) somos os selvagens?” retrata a ironia e a contradição dessa lógica, evidenciando como os povos indígenas são estigmatizados como “selvagens” por não se conformarem com a visão hegemônica de “progresso”. (Baniwa, 2006; Kreank, 2020; Gianinni, 2004).

A inclusão do discurso da indígena Narubia para retomar conceitos teóricos e científicos visou enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e dar protagonismo às experiências e perspectivas de pessoas autodeclaradas indígenas, oferecendo uma visão mais autêntica dos povos indígenas e práticas pedagógicas inclusivas.

Após a discussão em torno das falas supracitadas, iniciaram as apresentações dos grupos, que encerrou o segundo momento pedagógico.



Imagem 7: Estudantes apresentando o trabalho em grupo.

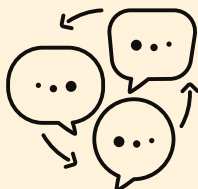


Fonte: elaboração dos autores (2024).



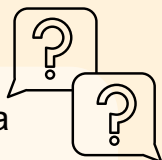
APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO

AULAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
3	Considerações finais; Roda de conversa; Definição da intervenção e aplicação.	<ul style="list-style-type: none"> • Debater sobre a temática indígena e os conhecimentos construídos e a metodologia utilizada; • Dialogar sobre a proposta de intervenção e sugerir duas opções: <ol style="list-style-type: none"> 1) Produção e exposição de painéis com base nos trabalhos realizados; 2) Elaboração de um manifesto escrito reivindicando um programa bolsa permanência para estudantes indígenas do EMI do IFTO-Campus Palmas.





A Roda de Conversa ocorreu após a apresentação dos trabalhos realizados pelos estudantes, guiada pelas seguintes perguntas norteadoras:



1. O que você achou mais interessante na forma como as aulas foram conduzidas?
2. Qual foi o método ou estratégia de ensino que mais o envolveu e ajudou em seu aprendizado?
3. Ao longo do estudo, você conseguiu relacionar os novos conhecimentos com conhecimento que você já tinha? Quais?
4. Existe alguma relação entre a temática indígena e a sua vida cotidiana? Qual é essa relação?
5. Você percebeu alguma mudança na sua percepção sobre a temática indígena ao longo das aulas?
6. Como essa experiência impactou sua visão sobre a importância de discutir a temática indígenas na escola?
7. Como podemos valorizar os conhecimentos indígenas no ambiente escolar? O que é necessário para que isso ocorra?

Este momento teve duração de 35 minutos. As falas dos estudantes foram analisadas utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

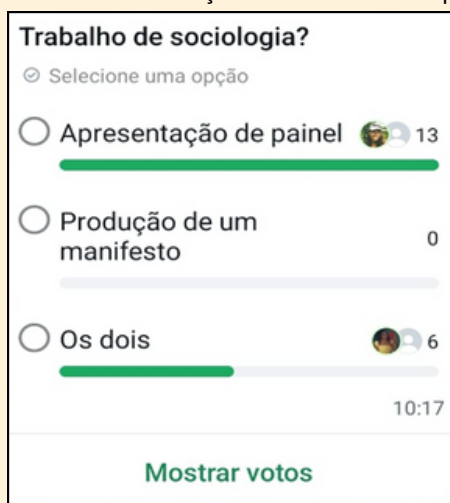




Após a Roda de Conversa, duas ações foram propostas: criação de painéis informativos com base nas pesquisas realizadas e/ou elaboração um manifesto reivindicando um programa de bolsa permanência para estudantes indígenas do EMI no IFTO-Campus Palmas. Embora os estudantes tenham compreendido prontamente a primeira atividade, a produção do manifesto gerou dúvidas devido à falta de familiaridade com esse tipo de ação, exigindo mais esclarecimentos.

Os estudantes decidiram por votação online no grupo de WhatsApp da turma.

Imagem 8: Resultado votação terceiro momento pedagógico.



Fonte: elaboração dos autores (2024).



Apesar da maioria dos estudantes terem optado por produzir os painéis, alguns expressaram interesse em realizar ambas as atividades. Considerando o receio inicial em relação ao manifesto, devido à falta de familiaridade com esse tipo de ação e suas possíveis implicações, a professora/pesquisadora decidiu elaborar um rascunho inicial para apresentar aos estudantes na aula seguinte.

A continuidade da proposta buscou proporcionar aos estudantes a oportunidade de utilizar o manifesto como ferramenta para desenvolver uma postura ativa e em busca de transformações sociais.

Inspirada na educação libertadora de Freire (1987) e na formação humana integral defendida por Saviani (2007), Frigotto, Ciavatta e Ramos, (2005), Ramos (2010) e Moura (2012), a abordagem promove o protagonismo dos estudantes, enquanto sujeitos capazes de questionar a realidade e agir sobre ela.



PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

1) Produção e exposição de painéis com base nos trabalhos realizados:

Os painéis foram expostos no evento acadêmico e cultural Conecta Palmas de 2024, que ocorreu nos dias 25 a 27 de setembro de 2024 no Campus Palmas do IFTO, sendo parte da programação da biblioteca. A exposição contou com a participação dos estudantes, que tiveram a oportunidade de compartilhar o conhecimento construído em sala de aula com um público mais amplo.

Imagem 9: Card de divulgação da exposição.



Fonte: Instagram - @biblioteca.ifto.palmas (2024)



Imagem 10: Programação da biblioteca evento Conecta Palmas 2024.



**CONECTA
PALMAS 2024**
Convergência de saberes no
Ensino, Pesquisa e Extensão



**VII
FEIRA DE TROCA**
LIVROS LITERÁRIOS E GIBIS
BIBLIOTECA JOÃO PAULO II - IFTO PALMAS

Programação na Biblioteca



Feira

VII Feira de Cultura e Troca de Livros Literários e Gibis
Organização: Equipe Biblioteca (IFTO Campus Palmas)
Data: 25 e 26/09 9h



Palestra

Ferramentas de IA para criação de animação
Ministrante: Raimunda Rocha (IFTO Campus Palmas)
Data: Quinta-feira 26/09 10h



Exposição

Etnociência: a perspectiva dos povos indígenas
Expositora: Angélica Silva (ProfEPT) e EMI Eventos II (IFTO Campus Palmas)
Data: Quarta-feira 25/09 10h



Lançamento de e-book

Pandemia e Resistência no Cerrado
Organizadores: Profa. Me. Denise Gonçalves e Jefferson de Sousa (IFTO Campus Palmas)
Data: Quarta-feira 25/09 10h30



Roda Poética

Ministrante: Profa. Dra. Gislene Camargos (SEMED-TO)
Data: Quinta-feira 26/09 10h



Lançamento da Gibiteca

Organização: Pablo Marquinhos e Rosana Corrêa (IFTO Campus -TO)
Data: 25/09 10h

Inscreva-se já!



A participação no CONECTA 2024 é totalmente gratuita! Porém, você deve reservar sua vaga com antecedência na plataforma de gestão de informação do evento, pois o número de lugares para cada uma das atividades é limitado.



ANPAIF
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROFESSORES
DE ARTES VISUAIS DO BRASIL



**centro de
Arte**



INSTITUTO FEDERAL
Tocantins
Campus Palmas



CNPq

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

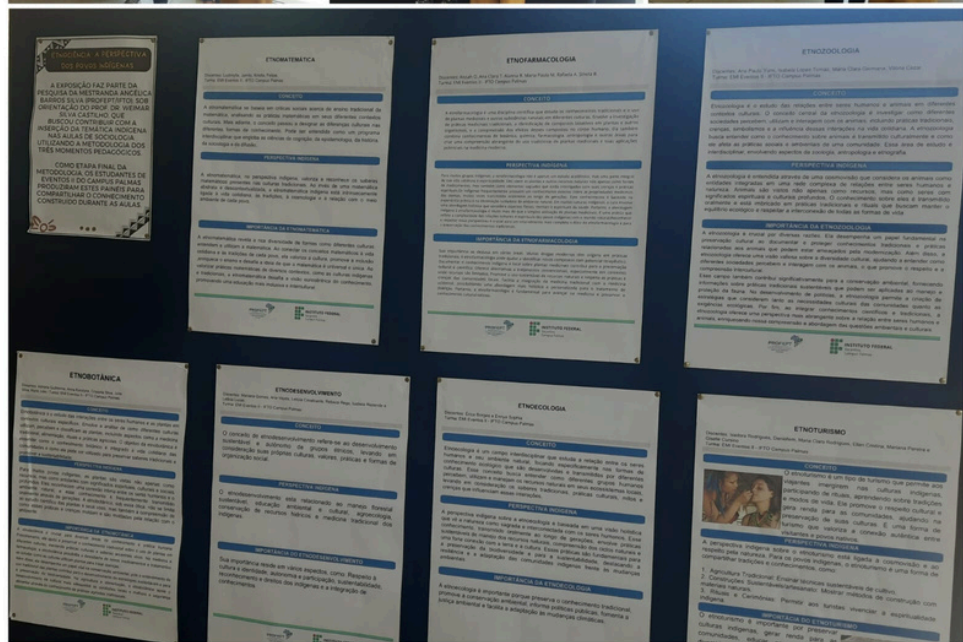
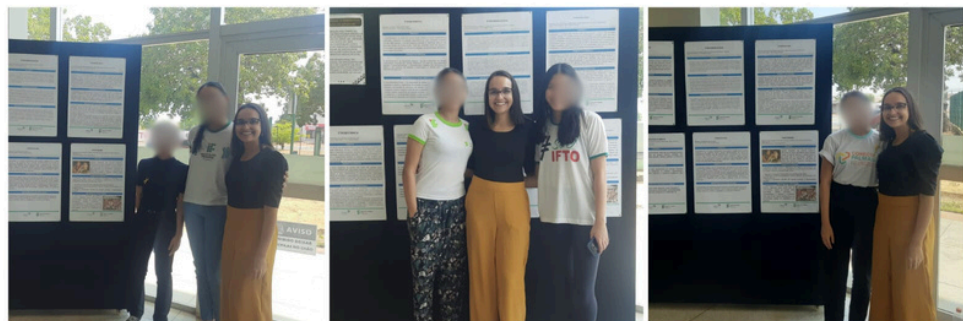


GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Fonte: Instagram - @biblioteca.ifto.palmas (2024)



Imagem 11: Exposição com estudantes da turma de Eventos II.



Fonte: elaboração dos autores (2024).

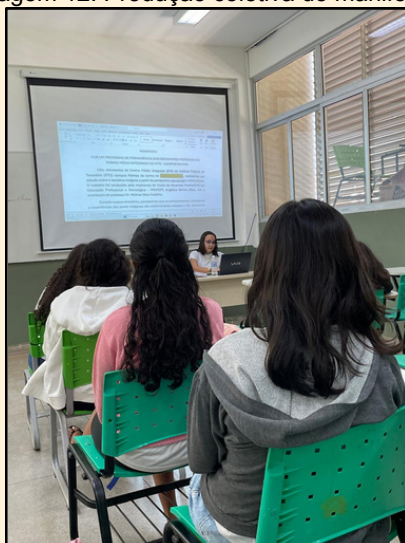


PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

2) Elaboração de um manifesto escrito reivindicando um programa bolsa permanência para estudantes indígenas do EMI do IFTO-Campus Palmas:

O manifesto foi elaborado em conjunto com a turma e lido na presença do diretor de ensino, Fagno Alves Fonseca. Posteriormente, foi protocolado pela a professora/pesquisadora no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) da instituição.

Imagem 12: Produção coletiva do manifesto.



Fonte: elaboração dos autores (2024).



Imagem 13: Manifesto produzido em conjunto com a turma de Eventos II.

MANIFESTO

POR UM PROGRAMA DE PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES INDÍGENAS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFTO - CAMPUS PALMAS

Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (EMI)

Nós, estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), campus Palmas do curso de Eventos, segundo ano, realizamos um estudo sobre a temática indígena a partir da perspectiva decolonial e intercultural. As aulas foram conduzidas pela mestrandia do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Angélica Barros Silva, sob a orientação do professor Dr. Weimar Silva Castilho.

Durante nossos encontros, percebemos que os conhecimentos, sabedorias e experiências dos povos indígenas são extremamente valiosos e são elementos fundamentais de sua cultura. No entanto, o legado colonial que ainda persiste na sociedade, sustenta uma visão estereotipada e preconceituosa, que impede o reconhecimento e valorização da riqueza cultural, além de promover a exclusão dos povos indígenas na sociedade.

Diante desse cenário, defendemos a criação de espaços que estimulem o diálogo intercultural e promovam a troca de experiência entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, reconhecendo e valorizando a pluralidade de formas de pensar e agir no mundo. Acreditamos que o ambiente educacional, enquanto espaço de transformação social, tem um papel crucial nesse processo. Compreendemos que, além do desconhecimento e a superficialidade de informações, a ausência de uma convivência efetiva com pessoas autodeclaradas indígenas também contribui para reforçar preconceitos, estereótipos e dificulta a compreensão de suas realidades, conhecimentos e cosmovisões.

Segundo os dados do último Censo Demográfico revelaram que o Tocantins possui população de 20.023 (1,32%) de pessoas autodeclaradas indígenas. Atualmente, segundo a Coordenação de Desenvolvimento Educacional, o IFTO campus Palmas possui apenas um estudante indígena matriculado no EMI, no curso Técnico em Agrimensura (Anexo 1). Embora os vestibulares do IFTO disponham de políticas afirmativas de vagas para estudantes indígenas, não há um programa específico de apoio financeiro para garantir a permanência desses estudantes durante essa etapa de ensino. Por outro lado, os cursos superiores presenciais do IFTO contam com o Programa de Bolsa Permanência (BPB) que concede um subsídio mensal de R\$1.400,00 (mil e quatrocentos reais) aos estudantes indígenas regularmente matriculados.

Sustentamos que são necessárias ações para promover a inclusão social, valorizar a diversidade cultural e garantir equidade de oportunidade para os povos indígenas. Portanto, esse manifesto reivindica a implementação de um programa de bolsa

Fonte: elaboração dos autores (2024).



Imagem 14: Manifesto produzido em conjunto com a turma de Eventos II (continuação).

permanência para os estudantes indígenas no EMI do campus Palmas, além de outras propostas que visam a permanência e êxito do estudante indígena. Acreditamos que essa iniciativa enriquecerá o ambiente educacional ao fortalecer o diálogo intercultural, promover a diversidade, o respeito e a valorização dos povos indígenas.

Palmas, 14 de agosto de 2024.

Angélica Barros Silva

Mestranda do ProfEPT IFTO – Campus Palmas

Weimar Silva Castilho

Prof. Doutor do ProfEPT IFTO – Campus Palmas

Fonte: elaboração dos autores (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A aplicação da SD dos 3MPs mostrou-se uma ferramenta eficaz para o ensino da temática indígena na componente curricular de Sociologia, estimulando a curiosidade epistemológica, o protagonismo dos estudantes e a contextualização da temática.

A curiosidade epistemológica foi observada principalmente no primeiro momento pedagógico, quando os estudantes foram convidados a refletir e questionar questões reais relacionadas à interação entre o ser humano e a natureza. Eles reagiram às provocações com comentários, e durante a roda de conversa relataram que isso provocou reflexão e curiosidade, evidenciando que a metodologia conseguiu gerar interesse no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso essa SD se mostrou promissora e necessária para contrapor práticas educacionais tradicionais, que ainda estão fortemente enraizadas na lógica da “educação bancária” e na passividade dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A metodologia foi eficaz na contextualização da temática indígena no cotidiano dos estudantes, estabelecendo uma conexão entre os saberes e perspectivas dos povos indígenas com as experiências e vivências pessoais dos estudantes. Ao explorarem assuntos como plantas medicinais, etnomatemática e a relação espiritual e diferenciada que os povos indígenas possuem com a natureza, discutidos na roda de conversa, constatou-se que os estudantes ampliaram sua compreensão sobre as diferentes formas de conhecimento e desenvolveram um olhar crítico em relação ao mundo e ao modelo de desenvolvimento hegemônico e utilitarista.

Por fim, a aplicação dos 3MPs no EMI na área de Ciências Humanas se mostrou promissora e necessária para contrapor práticas educacionais tradicionais, que ainda estão fortemente enraizadas na lógica da “educação bancária” freiriana e na passividade dos estudantes. A inclusão de saberes decoloniais e interculturais, em consonância com a metodologia dos 3MPs, promoveu uma educação mais plural e inclusiva, incentivando os estudantes a

CONSIDERAÇÕES FINAIS



desenvolverem uma visão crítica sobre a realidade social. Dessa forma, a aplicação dos 3MPs se apresentou como um caminho promissor para a construção de uma educação crítica, emancipadora e transformadora, capaz de superar a alienação do sistema capitalista e promover uma formação humana e integral. Isso reafirma o papel do ensino na formação de cidadãos conscientes e socialmente engajados na transformação social (Freire, 1987; Frigotto, Ciavatta, Ramos, 2005).

REFERÊNCIAS



BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Sociedades indígenas e natureza na Amazônia. In: In: **Aracy Lopes da Silva e Luís Donisete Benzi Grupioni. A temática indígena na escola: novos subsídios para professores do 1º e 2º graus**. 4º edição – São Paulo: Global; Brasília: MEC, UNESCO, Cap. 4, p. 116-117, 2004.

CRESPI, Franco. “Conceitos gerais” (capítulo I) in **Manual de Sociologia da Cultura**, Lisboa; Editorial Estampa, p. 13-32, 1997

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André. **Física**. São Paulo: Cortez, 1991

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002

D’OLNE CAMPOS, M. **Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e praticas?** In: AMOROSO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Orgs.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: UNESP/CNPQ, 2002. p. 47-91.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, cap 1 e 2. p. 21 a 82. 2005.

FONSECA, Livia Gimenes Dias da. **Despatriarcalizar e decolonizar o estado brasileiro – um olhar pelas políticas públicas para mulheres indígenas**. Tese (Doutorado). Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. Brasília/DF 2016

GIANNINI, Isabelle Vidal. O conhecimento indígena da natureza. In: In: Aracy Lopes da Silva e Luís Donisete Benzi Grupioni. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores do 1º e 2º graus**. 4º edição – São Paulo: Global; Brasília: MEC, UNESCO, Cap. 8, p. 206-207, 2004.

GIL. Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.



REFERÊNCIAS



_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

IANNI, Octavio. A Sociologia e o mundo moderno. Tempo Social; **Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, 1(1): 7-27, 1.sem. 1989

IBGE. **Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal**. 2023. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal>> Acesso em: 10 de out. 2023

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. 2º edição. Livro eletrônico. 2020

MOURA, Adriana Borges Ferro. LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014.

MUENCHEN, C. **A disseminação dos Três Momentos Pedagógicos: um estudo sobre práticas docentes na região de Santa Maria/RS**. Florianópolis: UFSC, 2010. 273 p. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40. Abr. 2010

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In MOLL, Jaqueline et al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 2 p. 42 a 58.

ROUÉ, M. Novas perspectivas em etnoecologia: saberes tradicionais e gestão de recursos naturais. In: DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. Belém: Cejup/UFGPA/NAEA, 1997. p. 67-79.

RUSO, Kelly. PALADINO, Mariana. a lei n. 11.645 e a visão dos professores do rio de janeiro sobre a temática indígena na escola. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 67 out.-dez. 2016 p. 897 – 921

SILVA, Edson Hely. Índios: pensando o ensino e questionando as práticas pedagógicas. Instrumento: **Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 168-186, jul./dez. 2019



REFERÊNCIAS



STRACHULSKI, Juliano. Etnociências e teoria da complexidade: aproximando referenciais para compreender os conhecimentos tradicionais. **Revista CCCSS**. 2017. Disponível em: < <https://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/etnociencias-teoria-complexidade.html>> Acesso em: 22 set. 2024.

ZAMBONI, Ernesta; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas e Ensino de História: memória, movimento e educação**. 17. COLE, 2009. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_3908.pdf